



CORRUPTOS, CORRUPTÍVEIS E CORRUPTORES EM *OS TRANSPARENTES*¹

CORRUPT, CORRUPTIBLE AND CORRUPATORS IN OS TRANSPARENTES

CORRUPTOS, CORRUPTIBLES Y CORRUPTORES EN OS TRANSPARENTES

Renata Cristine Gomes de Souza²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma análise dos personagens que representam a corrupção na sociedade luandense em *Os Transparentes*, de Ondjaki. Para tal, trataremos de personagens que ocupam diferentes espaços na sociedade angolana, mostrando que os atos corruptos estão entranhados na história da capital, Luanda. A análise concentra-se na relação entre literatura, sociedade e política, buscando mostrar como a narrativa procura refletir problemas e questões que fazem parte de política e sociedade angolanas. Teremos em atenção as representações de poder e suas relações com a vida da sociedade e as mudanças observadas na capital angolana.

PALAVRAS-CHAVE: poder, capitalismo, história, corrupção, Luanda.

ABSTRACT

*The present paper aims to present an analysis of the characters that represent corruption in the society of Luanda in *Os Transparentes*, by Ondjaki. To do so, we will deal with characters who occupy different spaces in Angolan society, showing that corrupt acts are entrenched in history the capital, Luanda. The analysis focuses on the relationship between literature, society and politics, pursuing to show how the narrative seeks to reflect problems and issues that are part of Angolan politics and society. We will pay attention to the representations of power and its relations with the life of society and the changes observed in the Angolan capital.*

KEYWORDS: Power, capitalism, history, corruption, Luanda.

1 O trabalho faz parte de uma pesquisa realizada na dissertação de mestrado da autora, intitulada “A distopia em *Os Transparentes*”.

2 Doutora pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: renatacgs@id.uff.



RESUMEN

*El presente artículo pretende presentar un análisis de los personajes que representan la corrupción en la sociedad de Luanda en *Os Transparentes*, de Ondjaki. Para ello, trataremos de personajes que ocupan diferentes espacios en la sociedad angolense, mostrando que los actos de corrupción están arraigados en la historia de la capital, Luanda. El análisis se centra en la relación entre la literatura, la sociedad y la política, tratando de mostrar cómo la narrativa trata de reflejar problemas y cuestiones que forman parte de la política y la sociedad angolenses. Prestaremos atención a las representaciones del poder y sus relaciones con la vida de la sociedad y los cambios observados en la capital angolense.*

PALABRAS-CLAVE: *poder, capitalismo, historia, corrupción, Luanda.*

O romance *Os Transparentes*, de Ondjaki, foi publicado em 2012. Muito bem recebida pela crítica, trata-se de uma obra densa, com muitas chaves de leitura, que apontam para uma ficcionalização crítica da sociedade luandense. O autor conduz o texto com aspectos realistas, e com um tom distópico, fala dos caminhos que o seu país tem trilhado, deixando o leitor frente a um cenário de total barbárie, ao mesmo passo que expõe os conflitos subjetivos que certas práticas produzem na vida dos luandenses. Verifica-se a apresentação de uma Luanda múltipla, com espaços e personagens de núcleos diferentes que se conectam. Precariedade e riqueza, poder e imobilidade social, exploração e sobrevivência fazem parte dessa construção fictícia da sociedade luandense que muito se assemelha a cidade real.

Ondjaki, em sua obra, pensa e representa a história recente de Angola, o período pós-colonial e os impactos das mudanças políticas na sociedade, na cultura e na vida da população. O autor apresenta em seus livros um reflexo do descontentamento com o caminho que o país tomou após a independência. Em suas obras, Ondjaki representa a Luanda de seu tempo, onde o povo mostra a sua força ao mesmo tempo em que a esperança parece acabar lentamente.

Sociólogo de formação, Ondjaki constrói obras literárias que têm um pouco deste seu outro ofício. O seu olhar científico e seu conhecimento da cidade, como sujeito luandense, são elementos importantes na escrita e no trabalho de ficcionalização dessa sociedade e de seu modo de vida. Como bem diz Ítalo Calvino “jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo existe uma ligação entre eles” (CALVINO, 2009, p. 59). Ondjaki constrói a cidade fictícia apoiado no que observa e no que pensa da cidade real, logo essa construção não pode ser afastada do seu olhar analítico e político da cidade.

Em *Os Transparentes*, o narrador constrói um retrato da Luanda contemporânea, e através da ficção percorre espaços e aborda questões que são parte da vida do luandense. A capital tem sido um espaço de predileção dos escritores angolanos, que prezam por expressar a multiplicidade da cidade e os jogos de poder que nela são estabelecidos. O romance de Ondjaki é mais um dos textos que procuram mapear essa metrópole, mostrando suas divisões socioeconômicas visíveis e invisíveis. Pensando nessas divisões, traremos análises dos sujeitos que compõem esses espaços, visto que, como aponta Paul Ricoeur (2007, p. 160), o sujeito é indissociável do lugar, ele faz parte do espaço e dele também é construtor.

Boa parte das obras literárias que tentam contar e recontar a história da Angola contemporânea, que compreende o período pós-colonial, se ocupa em trazer um cenário que mostre a mudança de caminho, na qual o sonhado país democrático dá lugar ao retrocesso. Sheila Khan aponta como as determinantes que mudaram a história política no país figuram nas obras *Maio mês de Maria*, de Boaventura Cardoso, e *Geração da utopia*, de Pepetela, refletindo a desesperança, as desigualdades e uma estagnação no que tange à política, visto que para grande parcela da população nada mudou:

Neste tempo, uma total discrepância e paradoxo se erguem, pois o tempo da pós-utopia, supostamente revezado pelo tempo pós-colonial, sendo este pensado por muitos como o tempo de liberdade, igualdade e democracia, apresenta-se agora como um ‘pós’ enviesado, desnorteado, esvaziado dos valores de moral que, anteriormente, o enobrecia. O pós-colonialismo, em ambas obras, anuncia-se vivamente como “regresso do colonizador” (ver SANTOS, 2007:15) não na costureira do homem ocidental, mas ao contrário, pela continuação perniciosa e perversa das práticas de diferenciação e do empobrecimento sociais realizadas por aqueles que, antes, se entregaram a construção dessa mesma moral utópica, o que nas palavras de Boaventura Sousa Santos implicou “o ressuscitar de formas de governo colonial, tanto nas sociedades metropolitanas, agora incidindo sobre a vida dos cidadãos comuns, como nas sociedades anteriormente sujeitas ao colonialismo europeu”. (KHAN, 2012, p. 62)

Os Transparentes apresenta o mesmo cenário e mudança de perspectiva ideológica na literatura. Em nossa análise, examinamos personagens que, como Khan refere, são esvaziados de valores morais. Os mesmos atuam no romance como os agentes construtores da barbárie arquitetada a cada página. Cada um, a seu modo, contribui para os processos de invisibilidade do homem pobre e para o total “esgarçamento” da cidade, que chega aos seus limites.

O romance procura trazer o ex-cêntrico, termo cunhado por Linda Hutcheon para tratar dos que vivem à margem, para um lugar de destaque na narrativa, priorizando o problema dos indivíduos subalternizados, porém, para evidenciar sua posição apresenta também personagens que representam o outro lado dessa relação. O lado dos vencedores é tratado no romance de variadas formas, mas todas convergem em uma vontade de mostrar o lado mais perverso do sujeito numa sociedade capitalista.

Os antagonistas da trama mostram que não há um só inimigo, mas sim uma rede, na qual os beneficiados dependem uns dos outros. Essas ações que beiram uma espécie de vilania estão representadas a partir de pequenos gestos como demonstração de abuso de poder, pequenas ações corruptas e até grandes projetos como decisões que não levam em conta a segurança do povo. Para esses personagens o importante é atingir o emburguesamento almejado, independente dos meios utilizados para chegar a esse fim.

No romance, os personagens vivem em uma mesma cidade, têm a sua identidade moldada pelo espaço em que habitam e por sua percepção de mundo. É a partir dessa interação, contemporaneidade-sociedade-local-sujeito, que se pretende fundamentar o presente estudo; sujeito e espaço se modificam com a partilha proporcionada pela vida cotidiana e os jogos políticos, fazendo com que a frequente mudança seja inevitável.

Temos na narrativa as dualidades que fazem parte da vida no espaço urbano luandense como presente e passado, tradição e modernidade, utopia e distopia, esperança e desesperança, individualismo e comunidade que podem ser vistas nas descrições dos espaços, na construção dos personagens e também das relações que se estabelecem entre grupos e indivíduos na narrativa. Para representar no texto essas dualidades, o autor traz uma cidade que aos poucos vai sendo destruída a partir das ações daqueles que desejam o poder.

Na representação dessa urbe, temos então um quadro completo, que apresenta os dois polos opostos: subalternizado e subalternizador. Mais do que apresentar os dois lados, o autor evita que essa polarização seja tão marcada, embora presente de alguma forma. Por mais que seja estabelecida uma separação clara entre vítima e agente dos processos subalternizadores e de separatismo socioeconômico, há personagens que ficam em um entre-lugar dessas relações. Por exemplo, ao mesmo tempo que o governo pode fazer tudo, até mesmo intervir em fenômenos naturais, ele é totalmente dependente da iniciativa privada.

Se esquematizarmos esses personagens que visam e agem sempre em prol do aumento do poder econômico, podemos colocá-los como uma escala crescente do poder nos centros urbanos dos países periféricos, tendo como o ponto máximo dessa escala DomCristalino. Podemos notar que, por seu poder, os personagens se estruturam da seguinte forma, em modo decrescente: empresários que tem muito poder na economia do país, membros do governo e funcionários públicos e por último os pobres que usam a corrupção e a boa fé do seu próximo para ascender.

O desejo de poder molda as suas personalidades, interfere significativamente em suas ações. Nessa Luanda fictícia, que muito se assemelha à real, mostrando então uma relação entre ficção e história, o poder financeiro é para poucos, e por esta razão é o grande divisor dessa sociedade. Esse desejo marcado de ascensão e de poder, que é cruel, corrupto e excludente, age como uma venda que impossibilita o sujeito de ver o outro, ou melhor, os outros. As relações de poder no romance têm como ponto de partida os processos econômicos. Magobe Ramose afirma que a partir do momento em que a subsistência é mediada pelo dinheiro, ele passa a ser o instrumento que irá garantir o estatuto de humanidade. Com isso, a acumulação de bens passa a ser um dos marcadores desse poder social. Segundo o filósofo, “[o] valor está vinculado ao dinheiro, e deve ser visto como a substância com maior valor entre todas as outras” (RAMOSE, 2009, p. 161-162).

Logo, no topo das relações de poder, não vemos os governantes, mas sim um representante do poder financeiro da indústria. DomCristalino é um dos personagens que, a partir do seu

desejo de ter mais poder, levam a cidade de Luanda ao incêndio que inicia e finaliza a narrativa. É através de sua influência que parte das negociações da CIPEL (Comissão Instaladora do *Petróleo Encontrável em Luanda*) são levadas a diante. O nome do personagem deixa bem claro a sua posição social, antes de tudo por ser conhecido como “Dom”, que é um título honorífico de tratamento, utilizado para tratar príncipes e pessoas da realeza. A ironia da escolha do nome se dá pelo contraste, Cristalino, com a obscuridade de suas ações. Sem falar do valor financeiro atribuído à pedra e à água, cuja responsabilidade de distribuição está em suas mãos. A distribuição de água é um tema recorrente nas obras literárias que tratam de Luanda por esse ser um problema que assola a capital. Esse tema foi por muitas vezes trazido na literatura angolana, por se tratar de um problema que faz parte do cotidiano da cidade. Por exemplo, o romance *A gloriosa família: o tempo dos flamengos*, de Pepetela, ficcionaliza a raiz desses problemas relacionados a água, mostrando a precariedade na construção do sistema de água e esgoto, ou seja, em um dos fundamentos da cidade. Sobre os problemas com o abastecimento de água no país, em sua dissertação, Mónica Pires Jacinto afirma que

(...) cerca de 20% da população no meio urbano não tem acesso a água potável e dos 80% que têm acesso o seu fornecimento processa-se com interrupções. O consumo médio diário é extremamente baixo dez litros por pessoa o que evidencia o problema de acesso à água potável. (...)

Estes valores eram muito baixos comparados aos 20 litros/dia, per capita estabelecidos como mínimo pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Em virtude desta insuficiente capacidade do setor, grande parte da população é abastecida a partir da venda ambulante de água, por meio de camiões cisternas, não sendo segura a qualidade da água fornecida. O abastecimento de água por camiões-cisternas tem aumentado significativamente, sobretudo, em Luanda. (JACINTO, 2012, p. 35-36)

Afirmado resolver esse problema que ultrapassa décadas, o personagem quer privatizar o sistema de água e assim ter mais um meio de controle. Privatizar todo o abastecimento de água é ter total controle de uma cidade, pois a vida na urbe depende muito de um abastecimento eficiente e que atenda toda a cidade. Há a transformação de um bem, que deveria ser comum a todos, em capital, e por consequência uma relação econômica na qual um lado é totalmente dependente, tal qual aponta Marilena Chauí acerca dos bens naturais:

Visto que iremos explorá-la para obtenção de lucros, não é uma coisa, mas capital. Ora, sendo propriedade privada capitalista, só existe como tal se for lugar de trabalho. Assim a montanha não é uma coisa, mas uma relação econômica, portanto relação social. (CHAUÍ, 1984, p. 17)

O que deveria ser do povo passa a ser controlado por apenas um agente, que é detentor do poder econômico. Assim, o seu poder faz com que as necessidades daquela sociedade sejam colocadas em segundo plano. O personagem representa os poderosos que, como salienta Joseph

Ki Zerbo, não pensam no bem comum e fazem com que os interesses particulares venham antes dos interesses do estado: “Na África, o Estado é muitas vezes um estado patrimonial. Se aquele que está à cabeça do Estado considera todos os bens públicos como bens patrimoniais, é como se o Estado desaparecesse pura e simplesmente. O que caracteriza certas elites políticas é o espírito de irresponsabilidade” (KI-ZERBO, 2009 p. 67). Seu poder faz com que a população e o governo sejam dele dependentes.

Ao contrário de outros personagens, DomCristalino é descrito de forma menos caricata. Já os personagens que na narrativa representam os políticos agem de forma exagerada, supervalorizando o seu poder, que é sempre submisso a alguma instância, seja dependente de outro político, ou mesmo da iniciativa privada. Em suas aparições há uma necessidade de marcar a sua diferença e fazer uso de privilégios que eles mesmos inventam, seja para estacionar ilegalmente ou para usar uma sirene no carro e fugir do trânsito caótico da capital.

É sobre os representantes desse Estado que aqui falamos, pois, suas ações são determinadas segundo o interesse próprio e o interesse da classe dominante. A política aparece no romance como mais uma forma de enriquecimento. Essas representações de políticos corroboram com a visão que o jornalista e ativista político Rafael Marques tem de Angola. O ativista defende que em Angola a política é uma forma “mais simples” de ascender financeiramente, pois:

(...) o que houve, no entanto, durante muitos anos, foi a normalização, a institucionalização da corrupção. As pessoas, em determinada altura, passaram a acreditar que a corrupção era um modo de vida, que era normal as pessoas ascenderem aos cargos do governo para saquearem os cofres do Estado. (MARQUES, Rafael *apud* MANTOVANI, 2012, s/p)

Os políticos que construiriam a utópica Luanda de calma, sonhada por Odonato, protagonista do romance, se rendem aos privilégios da burguesia, e agem o tempo todo em razão de seu próprio benefício. A Constituição Angolana de 1992 a 2010 é símbolo da democratização, mas esse marco não caracteriza uma mudança real na administração do país e na estruturação de seu sistema político que beneficia as elites. Assim, o país apresenta um modelo econômico que privilegia os grandes empresários, pois é marcado por uma

(...) política macroeconômica que privilegia as elites ligadas ao poder político/militar e permite a continuidade das desigualdades sócio espaciais e da pobreza, em um sistema permeado pelo nepotismo e corrupção sistêmica. Ou seja, tem-se uma racionalidade governativa onde o Estado aparece mais como um “gestor dos negócios da burguesia financeira”. (RESCHILIAN; CASTRO, 2020, p. 9)

O Ministro, personagem que não tem muita importância no romance, aparece em situações de abuso de poder, e em negociações da CIPEL, com DomCristalino, para quem presta reverência e olha com “um olhar quase humilde” (ONDJAKI, 2012, p. 190). Como o governo corrupto ficcionalizado precisa de um aliado do grande empresariado no poder, é o Ministro o representante dessa aliança.

Ao tratar de como esses personagens se comportam na narrativa, retomamos o discurso de Amílcar Cabral, que previa a possível desilusão com o futuro dos países africanos que naquele momento lutavam pela liberdade:

Para manter o poder que a libertação nacional põe nas suas mãos, a pequena burguesia só tem um caminho: deixar agir livremente as suas tendências naturais de emburguesamento, permitir o desenvolvimento de uma burguesia burocrática e de intermediários do ciclo de mercadorias, transformar-se em pseudo-burguesia nacional, isto é, negar a revolução e enfeudar-se necessariamente ao capital imperialista. **Ora, isso corresponde à situação neocolonial, quer dizer, a traição dos objetivos da libertação nacional.** Para não trair esses objetivos, a pequena burguesia só tem um caminho: reforçar sua consciência revolucionária, repudiar as tentações de emburguesamento e as solicitações naturais de sua mentalidade de classe, identificar-se com as classes trabalhadoras, não se opor ao desenvolvimento normal do processo da revolução. (CABRAL, 1980, p. 40-41, grifo do autor)

O comportamento do Ministro é regido por essa traição dos “objetivos da libertação nacional”. Suas ações deixam claro o afastamento de um ideal político, construindo uma trajetória na política voltada para si, ele participa dessa aliança que ergue o neocolonialismo. Frantz Fanon (1979) em *Os condenados da terra* explica que, após a independência com a criação da jovem nação muitas coisas não se modificam, como é o caso dos circuitos econômicos que se mantêm cristalizados. Roberto Vecchi (2016) corrobora a análise do filósofo político quando trata das continuidades e rupturas da descolonização, no artigo “Os fins do tempo do fim: descolonização, negação, pertença”. O estudioso explica que as descolonizações estão em um lugar não definido que, ao mesmo tempo que trazem grandes mudanças, apresentam, também, uma série de continuidades, o que torna tal fenômeno difícil de ser interpretado, sobretudo no caso das ex-colônias portuguesas que fizeram da libertação algo rentável, um benéfico para uma pequena elite.

Há personagens envolvidos na política com apenas funções burocráticas. São personagens perdidos no meio dessas redes de poder, que só estabelecem suas funções quando atuam em nome do governo fazendo valer sua autoridade, encontrando uma nova possibilidade de crescimento econômico. Segundo Ki-Zerbo, essa é uma realidade pungente quando se trata da forma como o ambiente político é construído hoje nos países africanos:

(...) é preciso negar-lhes a denominação de elite. Muitas vezes os dirigentes africanos chegam ao poder quando estão longe de ser ricos. Servem-se do poder para acumular bens de todos os tipos, através de uma apropriação de terrenos de campos de cultivo, de operações fraudulentas por ocasião a atribuição de mercados públicos, do recebimento de avultadas comissões – há mil maneiras de enriquecer. Estabelece-se assim, uma cumplicidade mais ou menos mafiosa entre os dirigentes políticos e os operadores econômicos. (KI-ZERBO, 2006, p. 67)

Em *Os Transparentes*, há um distanciamento de um otimismo sempre característico da obra de Ondjaki. Neste texto, o autor traz um humor ácido e crítico. O pitoresco está presente,

mas se ri do trágico e do absurdo. Esse recurso, de trazer um humor, que deixa o leitor ou o espectador desconcertado, é muito usado hoje quando se trata de disseminar os discursos das minorias e ironizar o comportamento daqueles que detêm poder econômico. Para Robson Dutra (2011), o humor é uma forma utilizada pelo narrador para descrever os problemas da Luanda contemporânea, sendo, assim, uma forma de expor as convenções sociais e atos que deveriam ser condenáveis. A ironia causada pelo recurso humorístico, ao mesmo passo que dá certa leveza para temas complexos, acaba por evidenciar o fato narrado e suas implicações no romance. E mais do que isso, serve como uma forma de relegar esses personagens a algum tipo de inferioridade, devido as suas identidades que beiram o ridículo. Esse mesmo humor é utilizado para compor alguns personagens como o assessor PranchaSantos e JoãoDevagar, que ora são cruéis, ora são engraçados.

A falta de jeito e a ostentação excessiva do Assessor, a submissão do Ministro, e as aparições dos fiscais do governo DestaVez e DaOutraVez divertem o leitor, mas também mostram facetas diferentes da corrupção. A partir do momento que nos damos conta da ironia presente nessas construções, o descontentamento e o choque com realidade, da qual a história é tributária, se misturam com o tom humorístico, fazendo o receptor questionar o que é engraçado e do que se pode rir.

A estratégia caricata de composição se confirma através de algumas passagens do romance nas quais esses personagens cometem pequenos atos corruptos, trançado assim um quadro que contribuirá para que se desacredite desses sujeitos. Os falares exagerados, as roupas de cores extravagantes como roxo, que é preferida por SantosPrancha, assessor do Ministro são um exemplo dessa descrição cômica, que realçam a crítica feita por Ondjaki.

A inutilidade de Prancha é evidenciada em suas aparições: “Prancha movia-se lentamente, fazia dos gestos e dos assuntos de trabalho motivo de arrastamento da vida, encenando uma importância que nunca havia tido” (ONDJAKI, 2012, p. 98). A indiscrição e a impossibilidade de preencher o cargo de assessor são evidentes. Isso torna evidente o uso de seu cargo político como estratégia de emburguesamento: “A sua ascensão se dera rapidamente devido aos seus laços com o camarada Ministro, mudou da cerveja para o whisky e ganhou o hábito de ralar com a sua secretária” (ONDJAKI, 2012, p. 110).

Sua aparência e jeito constroem uma imagem do emergente político, revelado através do apreço pelo whisky e por um comportamento típico do emergente social, com falares que remetem aos colonizadores culturais da elite, Brasil e Estados Unidos. Pensamos aqui nesses lugares como os grandes influenciadores da cultura ocidentalizada em Angola, através da cultura de massa e de formas midiáticas como filmes, música e novela. Ao se distanciar dos falares do seu povo e adquirir traços de fala desses dois países, esta nova burguesia reitera que ascender no capitalismo e trazer consigo as “vestes” desse sistema é também estar mais perto

de um modo de vida ocidentalizado. Os hábitos culturais, mais precisamente a fala, são formas de fazer essa demarcação, visto que a expressão linguística é também um modo de divisão das classes sociais.

Outra questão que entrecorta as relações entre tais personagens é o fato de que a classe política apresentada no romance se inseriu no meio político através de nepotismo e/ou influência. A primeira dessas relações por influência é gênese de todas: o Ministro está no poder também para atender aos interesses de DomCristalino, como o texto parece indicar. É através dele que se deu a entrada do assessor na política, o mesmo ocorre com seus sobrinhos, os fiscais DestaVez e DaOutra:

– camarada Nelucha, nós temos uma condicionante de sobrinagem!

– o quê?

– é isso mesmo – riram os dois, saindo do apartamento. – não é preciso dizer que ambos os dois somos sobrinhos do senhor Assessor do camarada Ministro! (ONDJAKI, 2012, p. 141)

– somos DestaVez e DaOutra, os fiscais.

– fiscais? de que Ministério?

– de vários

– vários? Mas quais?

– vários, quer dizer, também os que implicam esse tipo de autorização. (ONDJAKI, 2012, p. 226)

Esses personagens não têm nenhuma função empregatícia específica, apenas vivem da prática do suborno, que para uma cidade como a Luanda recriada por Ondjaki, repleta de trabalhadores informais pode ser exercida com muito êxito. Seus nomes aparecem como um jogo de palavras que brinca com a ação das pessoas que recebem qualquer tipo de suborno, como um “Dessa vez pode passar” ou “Dessa vez aceitarei o dinheiro” e “Da outra também”. São esses personagens que vão introduzir uma outra forma de exercer o poder. Se nas bases da relação entre população e governo vemos esses processos corruptos, essa cadeia é inevitável. É a partir dessas bases que se comprova no romance a tese da corrupção como instituição em Angola, ao menos nessa Angola fictícia.

Os irmãos DestaVez e DaOutra estão na base de um sistema governamental que se encontra quase em sua totalidade corrompido. Esses atos corruptos e abuso de poder que começam nas pequenas instâncias do governo, cargos fantasmas e situações ilegais tomam conta de toda a

estrutura governamental que gira em torno do dinheiro e da lucratividade. É o dinheiro e o interesse em seu acúmulo que move as ações de pessoas que fazem parte de diferentes setores. Magobe Ramose afirma que o dinheiro tem o seu fim em si mesmo, o que é representado pela busca da lucratividade a qualquer custo, fazendo do dinheiro “um ‘deus’ ao redor do qual tudo deve gravitar frente ao qual todos devem se submeter” (RAMOSE, 2009, p. 137-138). As ações desses personagens têm apenas esse fim, o dinheiro, visto que não exercem cargos e nem têm função específica.

Seguindo essa forma de corrupção que se dá nas bases das relações de poder, trataremos de JoãoDevagar, que se encontra em um entre-lugar de oprimido/opressor. Com esse personagem, o autor vai caracterizar a corrupção como uma forma mais fácil de sobrevivência. O personagem representa os que veem o ato enganador como a única forma de sobressair, de não ser mais um que sofre com a pobreza e o esquecimento, e assim deixar a condição de subalternizado, mesmo que para isso passe por cima de princípios morais.

Para analisarmos esse comportamento retomamos a afirmação de Rafael Marques (2012, s/p). A fala do jornalista dialoga com o romance, evidenciando a banalização do ato corrupto que se dá inicialmente nas instâncias políticas e chega ao povo como um modelo a ser reproduzido. JoãoDevagar metaforiza o homem que já não consegue viver longe do ato corrupto, porque esse lhe parece a única forma de sair da situação de subalternizado, assim como vivem os outros que lhe são semelhantes.

O homem pobre que se utiliza da crença, da necessidade e da fragilidade do outro convive com o protagonista, que é quase o seu contrário. Enquanto JoãoDevagar perde seus valores em busca de poder, seu vizinho e amigo Odonato, homem destituído de valor por aquela sociedade, luta para manter seus direitos e seus valores. Alguns momentos da narrativa parecem realçar a igualdade de situações em que cada um se encontra e a diferença contrária de suas escolhas. Desse modo, a comoção e o espanto de JoãoDevagar, presentes nas suas falas, parecem trazer para uma justificativa para o caminho que opta seguir, pois há o intuito de fugir do apagamento social, mesmo que a via para isso não seja a honesta. Em razão disso, suas ações são rechaçadas por Odonato.

JoãoDevagar vai adquirir essas características em razão das circunstâncias e tempo em que vive. Esse caminho que o coloca em um entre-lugar, no qual é subalterno e também subalternizador, o faz reproduzir de um estereótipo que acompanha o homem pobre que pensa em ascender de uma condição periférica: o estereótipo do malandro. Em certos momentos podemos ler o personagem como aquele que usa da sua esperteza para a ascensão.

Há novamente o uso de um tom humorístico nessa construção, que questiona a posição do personagem no meio das polarizações sociais presentes no romance. Até mesmo trazer o termo malandragem poder parecer amenizar, discursivamente, suas ações, mas embora essa

imagem seja transmitida através da análise do personagem, perceberemos a seguir que os atos de JoãoDevagar se configuram como mais uma forma de exploração a qual o povo é submetido. Neste caso a utilização do trabalho e da boa vontade do outro vem de alguém que se encontra no mesmo meio que o explorado, o que poderia ser, de alguma forma, até mais cruel.

Mais uma vez o nome do personagem é importante no que tange à construção de sua personalidade. Trata-se de um homem que aos poucos, através da boa retórica vai convencendo as pessoas para seguir com as suas empreitadas. Podemos ver essas características expressas em sua primeira aparição no romance:

JoãoDevagar limpou o suor da testa, ajeitou nas mãos um bloco onde anotava as dívidas e os acertos financeiros das kinguilas que tinham assento no passeio exterior do prédio, não eram controladas como ele mesmo fazia questão de sublinhar “apenas aconselhadas nesse complicado mundo das globalizações econômicas”.

na realidade, JoãoDevagar (...) apenasmente fazia uso do seu poder palavroso e uma vez ou outra recorria à superficial violência.” (ONDJAKI, 2012, p. 103)

Além do seu dom com as palavras, essa primeira aparição já nos mostra muito do caráter do personagem. Aos poucos, sua trajetória passa a ser, na narrativa, um exemplo claro de escalada ao poder, partindo de uma base ainda muito elementar e posteriormente se aliando a diversas instâncias nas quais há algum tipo de dominação social. Esse processo se inicia quando JoãoDevagar, que explorava as kinguilas próximas ao seu prédio, passa a estabelecer acordos com os fiscais do Ministério DestaVez e DaOutra: “JoãoDevagar, contente, apertou a mão e despediu-se dos fiscais, ele também era amigo do dinheiro, sobretudo do fácil, e de fato concordava com que o terraço estava subaproveitado e era, talvez, um bom lugar para a atividade cinéfila” (ONDJAKI, 2012, p. 147).

Ao longo da narrativa, o personagem vai se associando a outras formas de poder e, a partir de uma observação das necessidades de sua comunidade, cria negócios que camuflam, aparam arestas e trazem formas outras de sobrevivência a partir de seus empreendimentos. Sua grande primeira empreitada é a construção do Cinema Galo Camões, cinema que, de sua concepção até sua realização não passa apenas de um modo de entreter aquela população, carente de uma distração. O cinema é um espaço de comunhão daquela comunidade que se une e paga por uma “nova forma de fazer cinema” que eles mesmos constroem.

JoãoDevagar faz uso da religião como uma forma de obtenção de poder. O personagem cria a Igreja da Ovelhinha Sagrada, onde tudo que a envolve beira um tom sarcástico e de crítica às igrejas protestantes. A igreja é também um refúgio para os que ali sobrevivem. Desse modo, o personagem cria um espaço passível de ser visto como um lugar destinado a uma forma de controle social. Em Angola, o protestantismo se difunde no século XVIII, mas apenas

em meados de 1927 através da Missão Brasileira Batista que se estabelece. A religião, nesse momento, estava relacionada a melhores formas de condição de vida, pois os missionários, para a difusão da religião, utilizavam a educação e forneciam cuidados médicos e viabilizavam a construção de hospitais. Segundo Moreira, ao longo do século XX houve uma diminuição quanto ao culto das religiões tradicionais africanas em todo o continente. Já o cristianismo que antes desse período era cultuado por apenas 10% da população, depois passou a ser professado por cerca de metade da população. Para a estudiosa, uma das grandes razões dessa difusão foi o fato de os próprios africanos tornarem-se missionários. Assim, a difusão da religião começou a caminhar da forma mais rápida, criando comunidades que se unem em razão da fé cristã, abandonando as religiões locais. A igreja é um meio de disseminação de discursos e de controle social, uma vez que ao construir uma igreja com fins lucrativos, a fé passa a ser comercializada. Assim, voltamos mais uma vez ao que diz Ramose, o dinheiro é o deus ao qual se orbita.

Ao analisar esses personagens, podemos ver que o poder se estrutura na narrativa como um construto hierarquizado, que passa por várias classes e se manifesta de diferentes formas, mas todas convergem para um movimento pelo qual se coloca o “eu” como o centro das ações, no qual uma minoria é beneficiada em detrimento de uma maioria, que é enganada e roubada por esse pequeno grupo.

Os personagens analisados representam os dois polos beneficiados nessa sociedade díspar. Assim, a iniciativa privada aparece como a grande detentora de poder na cidade, responsável pela distribuição de bens necessários à vida humana. Sua aliança com o governo dá-se através de sua ligação com membros do governo. Em um país no qual o governo pode até cancelar o eclipse, os políticos podem fazer o que querem partindo de suas necessidades individuais, beneficiando os grandes empresários, que comandam o jogo econômico. Os políticos, que outrora prometiam construir um país para todos, agora fazem de sua influência e poder uma forma de conseguir atingir seus objetivos individuais de emburguesamento. Assim, em suas aparições, os personagens que pertencem a camada privilegiada da população demarcam a sua diferença e seu poder, deixando claro para a população subalterna o que é destinado a cada um.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Amílcar. **A arma da teoria**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1980.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **O que é ideologia**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

DUTRA, Robson. João Melo: humor e amor em tempos de cólera. **Mulemba**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, p. 52-66, jul/dez 2011.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 1979.

JACINTO, Mónica Marina Lobo. **A problemática da água em Angola**. (1975-2010). Dissertação de Mestrado em Gestão de Território. Universidade de Nova Lisboa, 2012.

KHAN, Sheila. Utopias e Aporias: O calibre dos sonhos de uma nação. *In*: APA, Livia. CHAVES, Rita. LEITE, Ana Mafalda. OWEN, Hilary (orgs.). **Nação e narrativa pós-colonial I: Angola e Moçambique**. Lisboa: Edições Colibri, p. 57-70, 2012.

KI-ZERBO, Joseph. **Para quando a África?:** entrevista com René Holenstein. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

MANTOVANI, Melina. Rafael Marques acusa figuras do Estado de Angola de branqueamento de capitais. Disponível em <<http://www.dw.de/rafael-marques-acusa-figuras-do-estado-de-angola-de-branqueamento-de-capitais/a-16103515>> 17/07/2012. Acesso em 28 dez. 2013.

MOREIRA, Harley Abrantes. Missões Batistas em Angola e Moçambique no período de descolonização: apontamentos para uma discussão do discurso da revista O Campo é o Mundo. **Sankofa**, São Paulo, n. 7, vol. 13, p. 1-17, 2014.

ONDJAKI. **Os Transparentes**, 2ª edição. Córdova: Editorial Caminho, 2012.

RAMOSE, Magobe B. Globalização e Ubuntu. *In*: SANTOS, Boaventura Souza; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, p. 135-176, 2009.

RESCHILIAN, Paulo Romano; CASTRO, José Caléia. O impacto da informalidade na (re) estruturação das metrópoles periféricas contemporâneas: o caso de Luanda, Angola. **Scripta Nova**. Barcelona, v. 24, n. 639, p. 1-35, 2020.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François et al. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.

VECCHI, Roberto. Os fins do tempo do fim: descolonização, negação, pertença. **Altre Modernità**. Milão, n. 16, v. 11, p. 43-51, 2016.